

Ética nas lentes do cinema. Experiências em sala de aula

Rosemary Fernandes da Costa

A reflexão sobre a ética na contemporaneidade vem sendo um desafio e uma grata surpresa a cada semestre acadêmico. Se há uns 10 anos atrás poucos universitários se ocupavam do tema, hoje muitos não apenas estudam o tema da Ética em suas diversas disciplinas, como procuram responder em ações de cidadania, fraternidade, cuidado nas relações e busca de justiça para todos. Resultado: turmas amadurecendo na reflexão e na prática da Ética não apenas em função da Ética Profissional, mas revendo escolhas, formas de viver e encarar o cotidiano, assumindo compromissos interpessoais, ambientais, político-econômicos.

Uma metodologia que vem nos trazendo excelentes reflexões é a abordagem da Ética através das lentes do cinema. Depois de um embasamento teórico e boas discussões a partir de autores contemporâneos como Adela Cortina, Zygmunt Bauman, Norbert Elias, Edgar Morin, Milton Santos, Amartya Sen, ousamos analisar algumas produções cinematográficas sob o ponto de vista de sua abordagem ética. É claro que procuramos nos manter nos limites desta perspectiva, pois a linguagem cinematográfica recolhe muitas dimensões, que não poderão ser analisadas nos limites deste pequeno artigo.

A experiência estética da linguagem cinematográfica não apenas apresenta situações e cenários complexos, mas também influencia costumes, transforma tradições, provoca alterações nas visões de mundo, transformações pessoais, introduzindo reflexões e ritmos antropológicos e relacionais. Enfim, o cinema é um importante agente de mudança sociocultural, por sua capacidade de síntese de várias formas artísticas e de mediação do cotidiano das culturas. Torna-se assim, mais do que um entretenimento, uma autêntica experiência de vida, que inicia o público em um processo de imersão, percepção e análise de situações documentais ou fictícias que remetem à vida real. No caso do cinema, a comunicação não é apenas informativa, mas relacional. É linguagem mediadora de significados, emoções, sentimentos e movimentos no ser humano.

Neste artigo, procuramos observar os retratos dos seres humanos em seus conflitos, dúvidas, descobertas, processos que revelam a dinâmica de humanização, a oportunidade de reflexão, de identificação de situações relevantes, chaves de leitura para a realidade e para a reflexão ética. O convite que o cinema faz é também o que fazemos para esta Metodologia: não sermos apenas receptores, passivos diante das imagens mas, ao contrário, nos abrimos para uma relação para uma relação de interação, ampliando nossos horizontes, refletindo sobre nós mesmos e nossas relações com o mundo.

O cinema pode ser um momento de encontro com as várias dimensões da vida, um momento de reflexão ética. Ao convocar muitas dimensões e perspectivas, a sétima arte vai além da linguagem racional-verbal, tão enraizada em nossas práticas acadêmicas. Através

dessa experiência estética, acionamos também nosso inconsciente, nossas memórias, emoções e sentimentos ainda não trazidos à racionalidade.

Dentre os muitos trabalhos apresentados nas turmas de Ética Cristã da PUC-Rio, selecionamos 5 análises de filmes que julgamos relevantes para o momento histórico-político que estamos vivendo na cidade do Rio de Janeiro. As questões éticas estão relacionadas com os temas da Alteridade e diálogo com as diferenças e também da formação da consciência crítica e do exercício da cidadania. Estas análises foram realizadas a partir dos filmes: Os Intocáveis, O Leitor, V de Vingança, Os Miseráveis e A Batalha de Seattle.

Apresentaremos as reflexões de nossos alunos, nada mais significativo, convocador e provocante para nossa proposta de fundo, que consiste em integrarmos a ética em nosso cotidiano, através dos grupos de reflexão e revisão de escolhas e atitudes.

Os trechos destacados em itálico são de autoria dos alunos.

1. A alteridade como ponte. Relações humanas: diálogo, diferenças, cuidado¹

Filme – Intocáveis

Diretor: Olivier Nakache e Eric Toledano

França, 2011



Uma experiência de aprendizagem mútua: aos poucos, *o afeto entre eles se estabelece, com cada um conhecendo melhor o mundo do outro. Amizade, companheirismo e confiança são os elementos fundamentais do enredo do filme.*

Os dois homens se reconhecem em seus grupos sociais, assumem sua originalidade mas não param no seu microcosmo. As diferenças não são fronteiras e sim pontos de partida para uma aproximação que vai enriquecer as duas vidas. *As diferenças trazem também consigo limitações, e estas se tornam pontes de semelhança, apoio e complementaridade.*

A narrativa evita tanto o moralismo quanto o prazer pela polêmica com relação ao preconceito e às desigualdades. O vínculo da amizade é uma construção cotidiana, as diferenças se estreitam quando não há preconceito.

Nem todas as ações dos personagens são éticas, em alguns momentos, tanto um quanto o outro fazem escolhas que podemos observar como erradas, prejudiciais ao bem comum, individualistas. Contudo, até mesmo nesse aspecto o filme contribui para trazer a vida real, as pessoas em suas buscas particulares e nem sempre éticas, mas também capazes de se avaliar, rever, construir momentos de amizade, respeito, apoio mútuo, transformação de situações de sofrimento, superação de limites, humanização.

¹ Referências em itálico dos alunos *Anna Marina Queiróz* (Engenharia de Produção) e *Débora Campbell* (Engenharia de Produção)

A vida é redescoberta a partir da relação com o outro, com um novo olhar que constrói uma nova visão de si mesmo e das relações com os outros e com o mundo. A amizade é uma das maiores riquezas humanas. Ela é capaz de incluir, promover, humanizar, superar interditos, perdoar. O diálogo não pressupõe anulação das diferenças. Isso seria mimetismo, violência à originalidade de cada pessoa. O diálogo supõe respeito, aceitação, responsabilidade mútua, vínculo entre as pessoas, uma passagem dos simplistas e preconceituosos contratos sociais, para os laços de fecundidade estabelecidos pelas relações de aliança.

2. A ética como construção da consciência do estar no mundo²

Filme : O Leitor (baseado no livro *Der Vorleser*, de Bernhard Schlink)
Direção: Stephen Daldry
Estados Unidos e Alemanha, 2008



O filme faz emergir questionamentos sobre os valores morais e éticos das condutas humanas, limitados em seu contexto histórico, sociológico, jurídico e cultural. Pensar em situações dramáticas como o nazismo nos interpela quanto às aproximações ou distanciamentos entre o que é moral e o que é legal.

Dentre as provocações éticas deste filme (que tem por base o livro de mesmo nome), traremos o tema do acesso à razão humana e aos princípios morais universalmente aceitos como válidos. *Estamos, portanto, dentro do tema do direito natural relacionado com a sua obediência. Por essa teoria, podemos afirmar que não havia o direito natural no nazismo e, portanto, também não há obediência obrigatória. Já o positivismo ideológico caracteriza-se pelo relativismo ético, isto é, os juízos morais são relativos e subjetivos, não havendo procedimento objetivo para demonstrar a validade de certos juízos morais e invalidade de outros. A existência de normas jurídicas implica a obrigatoriedade de conduta. Finalmente, o positivismo conceitual rejeita tanto o universalismo ético quanto o relativismo ético. Reconhece que há princípio moral nas normas jurídicas vinculado aos deveres de segurança, ordem, coordenação social, porém há outros princípios morais válidos, como o direito à vida, à liberdade. Em certas circunstâncias a violação destes princípios por regras jurídicas flagrantemente injustas, justificaria a desobediência ao princípio moral que sustenta tais normas. (Tal foi o argumento de Antígona na peça de Sófocles)*

² Referências em itálico dos alunos *Ingrid Borges de Lemos* (Direito) e *Anna Luiza Cardoso* (Letras. Produção textual)

Contudo, no filme em questão, mesmo estas análises são atravessadas por uma outra lógica, a partir da relação de alteridade e das subjetividades envolvidas: qual a avaliação moral que passa pela ética subjetiva?

Um dos mestres da mística contemporânea, Dalai Lama, chama a atenção para a ética positiva: *quando a questão da moralidade passa unicamente por uma escolha pessoal, a ética deixa de ser um consenso compartilhado por uma maioria, o que torna difícil a colaboração dos homens para um sentido comum. Ou seja, quando se individualiza a ética, é possível também individualizar as responsabilidades, porém, essa forma de ver escamoteia a responsabilidade tanto coletiva como individual e a mútua dependência entre o todo e as partes.*

No caso da personagem de Hanna, não foi o medo da punição que a leva à atitude permissiva, mas uma obediência irrefletida. Nela há um dado psicológico que interfere em sua complexidade reflexiva. Hanna não cogita a possibilidade de agir segundo um código de ética pessoal, ela parece incapaz de criticar a si mesma, já que não é uma cidadã dotada de identidade (por seu analfabetismo), consciência crítica. Ela não parece fazer uma síntese entre o universo exterior e o universo interior. Sua consciência individual se confunde com as normas imperativas vindas de fora.

No quadro da personagem não há um conflito ético interno proveniente da responsabilidade solidária. Suas atitudes são mecânicas, sem necessitar de maiores explicações. Revelam, para nossa reflexão, que a ética se constrói como um movimento de tomada de consciência do estar no mundo. Isso parece se resolver ao final do filme, pois os livros são seu trampolim para uma tomada de consciência pessoal, responsável, que torna sua existência insuportável.

Há duas percepções de Hanna sobre sua individualidade: a primeira marcada pela vergonha da ignorância, e a segunda, marcada pela vergonha da consciência dotada de conhecimento. São dois paradigmas éticos distintos. Um se destaca por uma ética do indivíduo desconectada da totalidade da vida, a outra a partir da lógica de cooperação necessária para o bem maior do todo. A este último, Dalai Lama irá chamar de “empatia recíproca”, isto é, “a incapacidade de suportar a visão de sofrimento do outro”.

3. Ética e Liberdade. Há espaço para a individualização?³

Filme: V de Vingança

Direção: James McTeigue

Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, 2005



Nesta análise procuraremos salientar a relação dialética entre

³ Referências em itálico dos alunos *Gabriel Guimarães Peres* (Comunicação) e *Raul Chiaro dos Santos* (Engenharia Química) e *Danielle Pereira* (Engenharia)

ética e liberdade. Na história o protagonista justifica seus atos de vingança e morte em uma ideologia, a ideologia da liberdade, visando libertar o povo do governo opressor. A massa popular não possui liberdade alguma, o que nos faz pensar que se há opressão, há anulação das liberdades e, portanto, não há ética.

Todo homem deve ser livre para decidir seu próprio destino. O governo deveria possibilitar metas pessoais e comunitárias as mais amplas possíveis. Contudo, os governos autoritários não se preocupam com este princípio ou, pior, anulam conscientemente para que sua ideologia supere qualquer outra meta.

Sendo a ética um princípio, um modo de agir que preza pelo bem, pela prática do bem para todos, esta também cria uma expectativa de que a outra parte, com a qual nos relacionamos, tenha o mesmo princípio. Mais uma vez constatamos a total ausência de ética em governos autoritários pois não prezam pelo bem de todos, mas pela coletivização que colabora no controle máximo. Sem a igualdade nos direitos não há ética.

Em nossas aulas conversamos sobre o processo de individualização, como um convite interno, uma relação consigo mesmo, com nosso eu interior. Nessa linha, observamos que, por mais que haja opressão exterior, ainda há espaço para que a pessoa desenvolva um processo de individualização. Esta é complexa, tanto na perspectiva da relação consigo mesmo, como nas dinâmicas relacionais com as pessoas, com o mundo, com o Transcendente.

Os seres humanos não podem ser julgados como maus em si mesmos. Violar ou eliminar uma vida também não é um meio legítimo para se atingir a um fim legítimo. Atitudes como essas demonstram ausência de ética humana, ou uma lógica rasa e falível. Com base no pensamento kantiano concluímos: Todo ser humano é um fim em si mesmo, e não pode ser usado como instrumento para atingir a outro fim.

4. As manifestações: busca do bem coletivo?⁴

Filmes: Os miseráveis / A Batalha de Seattle
Direção: Tom Hooper / Stuart Townsend
Reino Unido, 2012 / Canadá, Alemanha, EUA, 2007'



O trabalho teve como objetivo principal apresentar, sob uma perspectiva ética, a lógica das manifestações que ocorreram no Brasil, entre julho e novembro de 2013. Os filmes auxiliam na compreensão de duas problemáticas fundamentais e distintas: a construção dos ideais do manifestante e, em contraposição, a postura das forças de repressão.

⁴ Referências em itálico dos alunos Marina Prati de Aguiar Mendonça (Relações Internacionais) e Paulo Cesar Ferreira da S. Junior (Relações Internacionais)

Qual o conceito de manifestação presente no cenário brasileiro? *Uma manifestação política é essencialmente associada a um momento de contestação pautado em reivindicações levantadas pelo coletivo, e não por grupos particulares. Percebemos posturas individualistas, que acabam por desnaturar esse entendimento e desestruturar a vontade política, levantando diversas contradições éticas dentro do movimento.*

Ao retratar a conjuntura da Comuna de Paris, o filme Les Misérables ilustra uma história de contestação do sistema político e luta pelo bem comum. O que motiva os cidadãos a se unirem nas reivindicações de seus direitos é um contexto de desigualdade, opressão e corrupção. O indivíduo se coloca a serviço do movimento. Ele está disposto a se sacrificar pelo bem coletivo.

No filme Battle of Seattle, a realidade é diferente. Centrado no momento da realização da Rodada de Seattle da OMC, ali se encontra uma pluralidade de grupos e demandas, o que prejudica a coesão do grupo e seus objetivos. Contudo, mesmo diante das diversidades e dissidências, ainda se nota o sentimento de coletividade, fundamental no contexto exposto.

No contexto brasileiro percebemos a preponderância de um forte individualismo que impacta a lógica das recentes manifestações. A luta cidadã em função do bem coletivo ainda não é a bandeira que está presente. É verdade que renasceu a vontade política, mas ainda falta a congregação em função de uma agenda que abarque as demandas coletivas.

Nos momentos históricos trazidos através dos dois filmes escolhidos, como também no contexto nacional, é comum o excesso de truculência e desproporção nas ações das autoridades envolvidas. O tratamento destinado aos manifestantes tem se mostrado antiético, desumanizando o ativista (seja ele criminoso ou não).

Chamamos a atenção para o aglomerado de particularidade que caracteriza este momento das manifestações em nosso país. A coesão do grupo ainda está prejudicada, assim como a clareza de seus ideais e a doação e sacrifício em prol de uma causa maior. É emergencial avançarmos das lógicas particulares e individualistas para a busca do bem de todos.

Para concluir...

A dimensão estética viabiliza um novo processo reflexivo, uma dinâmica interativa entre a produção cinematográfica e o espectador com seu universo simbólico e suas relações. Provoca a autorreflexão, a crítica e a abertura a novas possibilidades. Instaura um processo de reflexão nos grupos interpretativos.

Nas apresentações temáticas, a partir da linguagem verbal, a matéria prima reside na inteligência dos conteúdos. Contudo, em tempos de subjetividade moderna, há um deslocamento fundamental quanto aos hábitos mentais, à interpretação e à reflexão. Estamos

diante de uma nova cultura, onde a imagem, a plasticidade, a emoção, a representatividade, ocupam lugar decisivo no mundo da interpretação e do significado.

É uma mudança hermenêutica que demanda o encontro entre ética e estética. A linguagem estética acolhe a pessoa na sua integralidade e a convida a participar de uma dinâmica que envolve todo o seu ser. É precisamente a partir desse acolhimento, dessa busca de identidade e de diálogo com a alteridade, que nasce o processo de decisão tão necessário para a subjetividade moderna. A veracidade não está na palavra argumentada e afirmada pelo outro, mas no nascimento da palavra no interior da própria subjetividade. A verdade torna-se autenticidade e não adesão racional à autoridade de outrem.

É o nosso desejo na construção das reflexões éticas: que nossos encontros em sala de aula sejam ocasiões de discernimento acadêmico, responsável e humanizante. Acreditamos que podemos fecundar em muitos corações a coerência entre o pensar e o agir, a consciência crítica diante de fatos e a profusão de ideias e novas escolhas no cotidiano pessoal e coletivo, enfim, um caminho para uma chave de leitura mais ética em nossas realidades.